



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 560-571, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

AUTORIA E REPRESENTAÇÃO:

literatura feminina brasileira produzida em Mato Grosso, Brasil

AUTHORITY AND REPRESENTATION:

brazilian female literature produced in Mato Grosso, Brazil

Katia Aparecida Pimentel

Eby Cris Sales Pires Santore

RESUMO

O presente artigo apresenta a trajetória da literatura de autoria feminina produzida em Mato Grosso pautada nos estudos das pesquisadoras Marli Walker e Yasmin Nadaf. O objetivo é entender a questão da autoria e da representação nestes escritos, como se constituem nesse espaço de marginalização silenciadas pela escrita de autoria masculina, resultado da dominação masculina estabelecida na herança cultural. Com esse intuito realizou-se uma pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com os professores Dra. Marli Walker e Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves. Neste estudo, concluiu-se que houve o engajamento lento e tardio da escrita feminina na história da literatura de Mato Grosso.

Palavras-chave: Literatura. Literatura de Mato Grosso. Literatura feminina. Escrita feminina.

ABSTRACT

This article presents the trajectory of the female authorship literature produced in Mato Grosso based on the studies of researchers Marli Walker and Yasmin Nadaf. The objective is to understand the issue of authorship and representation in these writings, as they constitute this space of marginalization



silenced by the writing of male authorship, a result of male domination established in the cultural heritage. For this purpose a bibliographical research and semi-structured interviews were conducted with the professors Dr. Marli Walker and Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves. In this study, it was concluded that there was slow and late engagement of female writing in the history of Mato Grosso literature.

Keywords: Literature. Literature of Mato Grosso. Female Literature. Female writing.

Correspondência:

Katia Aparecida Pimentel. Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: kt_pimentel@hotmail.com.

Eby Cris Sales Pires Santore. Graduada em Letras pela Universidade de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: ebyprofessora@gmail.com.

Recebido em: 19 de dezembro de 2018.

Aprovado em: 09 de abril de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3403/2490>

1 INTRODUÇÃO

Da mesma maneira que é difícil identificar a predominância do sexo masculino sobre o feminino, também não é fácil determinar como a mulher adentrou no universo literário. Segundo a pesquisadora Yasmin Nadaf na obra **Os caminhos da pesquisa sobre a mulher e a escrita em Mato Grosso** (2006), foi no século XX, entre 1916 e 1950, com a pequena revista **A violeta** que se iniciam os primeiros escritos com cunho de autoria feminina. **A Violeta** foi uma revista de mulher para mulher. Seus escritos vindos de mulheres simples e lutadoras: escritoras, professoras, funcionárias públicas, donas de casa, jovens, revelavam o universo dessas mulheres que narravam criações literárias, lutas, frustrações, desejos, modo de ver e de viver a vida.

É nesse cenário que a mulher se constitui como ser no campo literário, que tem desejos e direitos de expressão. Partindo desse estudo, busca-se entender o

processo que ocorreu durante todos esses anos e também como se encontra na atualidade. Ao propor um levantamento sobre a literatura feminina produzida em Mato Grosso, pretende-se conhecer a trajetória do gênero feminino no percurso literário. Onde se iniciam os estudos e como se encontram na atualidade? Essa literatura situa-se marginalizada? Silenciada? São essas indagações que norteiam este estudo, as quais se buscará compreender.

Os estudos se fundamentam em pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo, por meio de entrevista semiestruturada com pesquisadores da área, professores Dra. Marli Walker e Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves. Conta-se com o aporte teórico das pesquisas dos autores Yasmin Nadaf (2006), Marli Walker (2015), Márcia Maria da Silva Barreiros (2011) e Pierre Bourdieu (2011).

2 A MULHER E A ESCRITA LITERÁRIA

A História da literatura mato-grossense foi um livro publicado pelo historiador, romancista e ensaísta Rubens de Mendonça no ano de 1970 que apresenta a literatura produzida no Estado de Mato Grosso desde o século XVIII. A obra refere-se praticamente a nomes masculinos, existindo poucas menções de autoria feminina, sendo elas: as prosadoras Maria Dimpina Lobo Duarte e a Vera Iolanda Randazzo e às poetisas Maria de Arruda Mülher e Amália Verlangieri, o que denota uma história de literatura produzida por homens. Os estudos posteriores a cerca das produções literárias no Estado seguem o mesmo silenciamento no que se refere às produções femininas.

A autora Marli Walker (2015, p. 24) relata que a condição da mulher escritora em Mato Grosso não difere de um âmbito mais amplo, nacional:

A literatura produzida por mulheres em Mato Grosso, em conformidade com o que ocorreu no país, apresenta uma produção ainda marcada pelo protagonismo masculino no âmbito da literatura, da cultura, da sociedade e da política. Dentre outros aspectos, este é um dos fatores que caracteriza as autoras mulheres como grupos de escritoras colocado à margem da historiografia literária do Estado de Mato Grosso em determinados períodos.

Assim, embora cada local tenha suas especificidades, pode-se afirmar que, no que tange à literatura de cunho feminino, esta encontra barreiras para se

constituir enquanto uma escrita em que domina o gênero masculino em todos os lugares. O protagonismo masculino não ficou restrito apenas à literatura, revela-se na cultura, na sociedade e na política. Desta forma, percebe-se que ele foi abrangente e seus efeitos ainda ecoam, por exemplo: no espaço político, estabeleceu-se cotas para inserção feminina, porém não se efetiva de forma igual.

Refletindo sobre o todo que contextualiza a condição da mulher marginalizada, tem-se relatos no Estado da Bahia (Brasil) em torno do “deixar de lado” as produções de autora feminina. Nos trabalhos da pesquisadora Márcia Maria da Silva Barreiros Leite (2011, p. 154), encontram-se notas do período que compreende os anos entre 1890 a 1915, quando houve uma efervescência da poesia, gênero literário com grande predominância do elemento feminino. Ela expressa que:

Às mulheres era vedada a arte literária. E esta discriminação começava com a própria elite local. Pedro Calmon em sua *História da Literatura Baiana* desfilou autores e obras que ajudaram a emprestar o apelido de *Atenas* a uma província do Norte. Não havia lugar para incluir os nomes femininos. Em meio a uma enxurrada de destaques masculinos surge um pequeno espaço para os denominados “poetas menores”. As baianas entram neste grupo [...]. Era preciso manter afastada a ameaça da entrada feminina no mundo das letras e uma possível concorrência nesta atividade. Calmon incorria no mesmo erro de uma crítica que julgava a produção literária das mulheres a partir de supostos pendores naturais, descaracterizando a autoria feminina. O historiador trabalhava com uma abordagem restrita sobre o cânone que em nada interessa à perspectiva feminista atual.

A condição da mulher, colocada à margem da historiografia literária, igualmente se amplia no cenário que envolve a história, como salienta Tedeschi (2016, p. 154),

As mulheres, sem dúvida, participaram/participam da produção histórica e literária, mas pela “porta dos fundos”, assim como em todos os setores da vida produtiva e ativa das sociedades. A “improdutividade” das mulheres nas narrativas históricas não pode ser avaliada sem a procura pelos aspectos que fundamentaram o imaginário social na história, bem como as representações que mostraram, em certos contextos históricos, as mulheres como seres do silêncio por sua própria natureza ou destinadas, na divisão do trabalho, às tarefas do corpo, da procriação, da casa e do privado.

Diante destes fatos torna-se importante conhecer como a estrutura dessa ralação segregativa da mulher em espaços públicos culturais e de produção literária

se estabelece, se perpetua através dos tempos, sendo reproduzida por homens e mulheres no decorrer da história, para que se possa intervir neste processo de forma crítica, tendo em vista o resgate da história da mulher, seja na mitologia, na religião, na filosofia e na literatura com uma narrativa do ponto de vista da mulher agente da sua própria história sociocultural, com foco no rompimento da relação de dominação masculina manifestada de forma inconsciente como afirma o autor Bourdieu (2011, p. 82):

[...] constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo outro, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se esperam que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas.

Dessa forma, conhecer a história da mulher é importante para perceber como ocorre a dinâmica da dominação masculina, mas há uma urgência imanente em alterar essa ordem, assim Bourdieu (2011, p. 70) afirma que “é preciso, portanto, começar desligando-nos de tudo aquilo que o conhecimento do modelo do ‘inconsciente’ androcêntrico permite detectar e compreender nas manifestações do inconsciente que é o nosso[...]”, ou seja, isso passa pelos segmentos da sociedade, principalmente pela família na condução da educação de meninos e meninas sem a reprodução do *status quo* do patriarcalismo, processo que se constitui de forma lenta.

Na presença de todo esse cenário de silenciamento e marginalização da escrita de autoria feminina que, alcança não somente o Estado de Mato Grosso, mas muitos outros, simultaneamente, há algum tempo, criaram-se grupos de pesquisadoras que investigam, levantam dados, resgatam, revisam e produzem esse tipo de literatura. Em Mato Grosso, desde a década de 1980, há um Grupo de Trabalho, denominado Mulher e Literatura, que estuda e debate sobre o feminino na literatura em diversas esferas, tanto em obras escritas por homens quanto por mulheres.

Dentro dessa perspectiva, para entender quando e como se iniciam os estudos sobre a literatura feminina, perguntou-se à professora Dra. Marli Walker: Atualmente o estudo à cerca do feminino tem se destacado nas pesquisas, porém

estas marcas já constam em muitas obras anteriores a estes movimentos. Como a senhora enxerga este movimento somente agora e como estes contribuem para os estudos literários? Ela nos esclarece:

(01) Marli Walker: Os estudos sobre o feminino estão presentes na cena da crítica literária brasileira há bastante tempo. A criação do GT da ANPOLL, Mulher e Literatura, por exemplo, na década de 1980 (<http://anpoll.org.br/gt/a-mulher-na-literatura/>), assinala mais de trinta anos de estudos e debates sobre o feminino na literatura em suas mais diversas representações e formas, tanto em obras escritas por homens como por mulheres. Portanto, o movimento é longo e conta com associadas/os de todas as regiões brasileiras. Em Mato Grosso, tivemos a pesquisadora Yasmin Nadaf como representante do estado no GT durante um longo período. Hoje, tenho a alegria de compor esse Grupo de Trabalho e participar assiduamente dos encontros/seminários nacionais e internacionais, divulgando a literatura escrita por mulheres em Mato Grosso. É possível que a divulgação da existência desses estudos e pesquisas leve um certo tempo para chegar a todos os Programas de Pós-Graduação do país, haja vista as características e linhas que cada um estabelece como base para fomentar suas pesquisas. É importante destacar que, em função do empenho e dedicação das pesquisadoras pioneiras e fundadoras do GT, já existe um arcabouço teórico próprio para pensar, analisar e discutir os mais diversos aspectos da representação e da escrita da mulher na literatura.

Nota-se, portanto, que os estudos relacionados ao feminino vem há muito tempo se constituindo e buscando se estabelecer de alguma forma nas academias e também na sociedade, na cultura e na política. Assim, Leite afirma que a literatura de autoria feminina “vem desconstruindo ‘um código autoritário veiculado com a finalidade de condicionar a produção literária feminina’” (LEITE, 2001, p. 4). Aos poucos a mulher vem construindo o seu espaço, expressando a sua voz e desconstruindo o que já existe imposto pela literatura produzida por homens.

3 SILÊNCIO QUE CONSTRÓI

A literatura feminina já tem um longo caminho percorrido, desde o século XIX, quando deu os seus primeiros passos juntamente com a ampliação das editoras e também do aumento de leitores. Por mais que esse processo venha de longa data e, conseqüentemente, já deveria ter o seu lugar materializado, essa literatura ainda passa por uma certa marginalização, uma vez que se percebe um certo “silêncio” em torno dessas produções de autoria feminina.

Em Mato Grosso a literatura de autoria feminina apresenta uma dinâmica peculiar: mesmo as mulheres com formação escolar e já inseridas na escrita, principalmente de poemas no século XIX, não aparecem registradas na história da literatura produzida em Mato Grosso. Esse registro surge, de fato, tardiamente no trabalho da pesquisadora Yasmin Nadaf (1996), intitulado **Literatura matogrossense de autoria feminina: séculos XIX e XX**. Diante dessa confirmação e buscando entender esse processo, perguntou-se ao professor Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves: quais as conseqüências desse silenciamento/marginalização para o engajamento feminino na produção literária de Mato Grosso?

(02) Henrique Roriz Aarestrup Alves: O silenciamento e marginalização da mulher, que vêm desde os primórdios das sociedades patriarcais, devem ter gerado, em tempos contemporâneos, uma forte demanda feminina por expressão e voz ativa nas diversas relações sociais em que se encontram inseridas. Se historicamente a mulher fora pouco considerada como sujeito, atualmente essa “demanda represada” encontraria maior válvula de escape devido às conquistas de direitos e de novos lugares sociais reivindicados por movimentos contestadores, como fora o feminismo [...]. Nesse sentido, em Mato Grosso, textos literários produzidos por mulheres têm tido ótima recepção e paulatino reconhecimento da crítica, como Tereza Albues, Luciene Carvalho, Marli Walker, além de várias outras. Porém, percebe-se que ainda há bastante espaço para ser conquistado e muito talento feminino para ser expresso e reconhecido em uma sociedade ainda muito desrespeitosa em relação às mulheres e seu inalienável direito de serem sujeitos ativos e criativos em seus próprios processos de (auto)construção.

Por meio da colocação do professor Dr. Henrique, percebe-se uma referência às lutas feministas e de mulheres que conseguiram se estabelecer mesmo em

tempos difíceis, o que possibilitou outras mulheres caminharem em suas lutas e demarcarem seus espaços. A mulher tem se colocado e dado voz à suas ideologias, suas ideias, seus direitos. Diante de qualquer contexto ao qual a mulher está inserida, ela tem a oportunidade de ser vista e reconhecida por meio da cultura, aonde há a possibilidade de um lugar frente à sociedade, à política, às pesquisas, às academias, entre outros espaços.

4 MULHER, AUTORIA E REPRESENTAÇÃO

Segundo a pesquisadora Yasmin Nadaf (2006), “No que se restringe a Mato Grosso, estudos e pesquisas têm-me revelado gratas surpresas, entre elas a oportunidade de sustentar a tese de que a mulher da região deixou rastros na história da escrita, no século XIX, e uma fecunda produção, no século XX”. Dessa forma, entende-se que a pesquisadora fez um mapeamento minucioso da produção literária do Estado, observando toda e qualquer escrita, bem como os seus desdobramentos.

Ao atentar-se para a produção de autoria feminina na atualidade, percebe-se que a mulher tem conquistado seu espaço por meio da cultura: na política, nas universidades, nos meios profissionais, entre outros, demarcando território de atuação em ambientes públicos de dominação masculina. Entretanto, observa-se que essa inclusão ocorre de uma forma desigual.

Porém, apesar da atuação feminina em espaços criados pela cultura acontecer, percebe-se que o resgate tardio da voz e autoria feminina em Mato Grosso deixou uma disparidade expressiva frente à produção literária masculina. Embora, as mulheres tenham se afirmado em um estreito espaço, é neste que elas podem ser representadas por meio de suas obras.

O professor Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves (2018) esclarece que mesmo com a presença de grandes escritoras no cenário pós-moderno, ainda há espaços a serem ocupados por agentes literários femininos, o que possibilita pensar a relação entre autoria e representação, bem como o lugar social que ocupa a mulher na literatura produzida em Mato Grosso. Sobre essa questão indagou-se ao professor: Na sua opinião, é possível perceber/estabelecer a relação entre autoria e

representação, bem como o lugar social que ocupa a mulher na literatura produzida em Mato Grosso? De que forma isso acontece?

(03) Henrique Roriz Aarestrup Alves: Uma das características estéticas da literatura brasileira contemporânea seria a metaficção literária, ou seja, a ideia de que a literatura se inclina sobre si mesma de modo a problematizar conceitos de representação, de mimese e, não raras vezes, do próprio ato de criação. Nesse contexto, a noção de autoria também se faz presente na medida em que textos encenam outros textos e suas criadoras como em um processo de “mis'en'abîme” ou espelhamento em que as autoras empíricas projetam-se estratégica e esteticamente, estabelecem dos diálogos intertextuais diversos e complexos. É o que realiza Tereza Albuês em **O berro do cordeiro em Nova York**, por exemplo, na medida em que a narradora personagem também é escritora e “cria” seus próprios textos que dialogam com muitos outros autores e suas respectivas obras, estabelecendo um jogo metalinguístico e intertextual muito rico em potencialidade significativa. Isso só acontece porque a autora empírica, na condição de mulher cuiabana nascida e criada em contextos sócio-culturais muito desfavoráveis, conseguiria transgredir lugares sociais pré-estabelecidos e superar seus “traumas” pessoais pelo viés da criação literária. Essa realidade social, apesar de imposta e injusta, acaba sendo convertida em matéria prima para o “laboratório literário” de Albuês ao construir essa e outras obras. Acredito que nesse contexto social hostil tenha sido semelhante para outras mulheres escritoras em Mato Grosso [...].

Diante da fala do professor, vislumbra-se a possibilidade de a mulher fazer de sua luta um movimento de reconhecimento de suas potencialidades e seguir no trabalho com a literatura em uma dinâmica que possibilita a literatura voltar para a própria literatura a exemplo do que fez a escritora Tereza Albuês.

5 CAMINHOS QUE REVELAM

Perante a trajetória e o caminhar das mulheres em busca de sua escrita, da representação da sua voz, da sua vez e, diante de desafios e impasses que remontam tempos e se prolongam até a atualidade, faz-se necessário pensar na

equidade entre a produção e circulação da literária de autoria feminina e masculina. Apesar do silenciamento histórico, a mulher demonstra que é possível transitar no mundo da escrita, mas há que ser questionado os modos culturais dominantes no se refere a produção e circulação literária de forma a refletir na inserção da produção literária feminina no cânone literário de autoria em Mato Grosso.

Sobre esse aspecto e questões interrogou-se o professor Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves (2018): Quais as contestações em relação aos modos culturais dominantes no que se refere à produção e circulação literária com o intuito de refletir na inserção da produção literária feminina no cânone literário mato-grossense?

(04) Henrique Roriz Aarestrup Alves: Como vivemos em uma sociedade capitalista em que muitas vezes a produção e o lucro sobrepõem-se à qualidade artística e estética, muitas obras literárias têm dificuldade de serem inseridas no mercado via grandes editoras e divulgação na mídia tradicional. Porém, a internet tem contribuído e muito para que novos autores publiquem suas obras e consigam, em certa medida, iniciar um processo paulatino de projeção e reconhecimento. Quando esses autores atingem determinado nível de reconhecimento no plano virtual, editoras apressam-se em projetá-los da forma mais tradicional através da venda de suas obras em forma de livros impressos. Acredito que esse seja um possível caminho para diversas(os) escritoras(es) iniciantes no estado de Mato Grosso. Porém, independentemente de conseguirem ou não espaço no cânone (o qual tem sido muito questionado ultimamente devido ao seu caráter demasiadamente comercial), acredito que escritoras(es) de textos literários deveriam produzir suas obras sem se preocuparem com canonização (isso só o futuro definirá), e sim com a qualidade do que fazem e com os caminhos alternativos que se apresentam hoje para conseguirem chegar aos seus leitores, a despeito das imposições comerciais, editoriais e críticas que constituem a hegemonia da indústria cultural dominante.

O trabalho da mulher na literatura, neste contexto de pós-modernidade, efetiva-se, apesar de ainda ser pouco representado. A preocupação se dirige a qualidade dessa produção e a circulação dos textos aconteceu de forma gradual, já nos aspectos que convergem à inserção no cânone literário só o fazer literatura, a caminhada dirá.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de estudos sobre os percursos da escrita de autoria feminina em Mato Grosso e em outras localidades, bem como em outras áreas, foi possível observar que a história da literatura feminina é marcada pelo patriarcalismo. As mulheres foram mantidas à margem ao tentarem atuar no espaço público da escrita literária, tendo em vista que existem registros desde o século XIX, porém conta-se o seu aparecimento somente no século XX.

Através do levantamento histórico da literatura feminina em Mato Grosso com base nos estudos das pesquisadoras Marli Walker e Yasmin Nadaf, pode-se constatar que esta passou e passa ainda por uma certa marginalização e silenciamento de suas escritas. Porém, na atualidade, a mulher tem conquistado seus espaços por meio da cultura e ocupado seu lugar na sociedade, nas pesquisas, na política.

O estudo sobre a dominação masculina arraigada na herança cultural pautou-se no conceito de Pierre Bourdieu e vem para auxiliar esse estudo no sentido de entender a posição da mulher marginalizada e sem voz nos meios culturais e, em especial na literatura, aonde esses efeitos implicam em consequências que bloqueiam o engajamento feminino na escrita literária. Identifica-se neste percurso que essas mulheres estão rompendo as barreiras do silenciamento gradativamente.

Nesta investigação, conclui-se que, apesar de as mulheres terem havido se afirmado em um estreito espaço, é neste que elas podem ser representadas por meio de suas obras, isto é, a representação vem ligada a autoria, mesmo que seja de uma forma discreta, mas há sempre uma certa expressão do autor na obra.

REFERÊNCIAS

ALVES, Henrique Roriz Aarestrup. **Henrique Roriz Aarestrup Alves**. Entrevista [29 set. 2018]. Entrevistadora: Eby Cris Pires Santore. Sinop, MT, 2018. Realizada por meio de postagem em endereço eletrônico. 6 f. Entrevista concedida para a realização de artigo da Disciplina de Metodologia da Pesquisa em Letras.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrad Brasil, 2011.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. Produção intelectual e escrita feminina na Bahia (XIX-XX). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo.

Anais [...]. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. p. 01-11. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308191872_ARQUIVO_PRODUCAOINTELECTUALESCRITAFEMININANABAHIAversaofinal.pdf. Acesso em: 29

mar. 2019.

NADAF, Yasmin J. Os caminhos da pesquisa sobre a mulher e a escrita em Mato Grosso. *In*: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (org.). **Da mulher às mulheres**: dialogando sobre literatura, gênero e identidades. Maceió: EDUFAL, 2006. p. 65-75.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na História das mulheres. **Revista Raído**, Dourados, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016. Disponível em:

<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217/2737>. Acesso em: 29 mar.

2019.

WALKER, Marli. Palavra de mulher: literatura feminina em Mato Grosso – Século XIX. *In*: ALVES; Henrique Roriz Aarestrup; PRECIOSO, Adriana Lins. SILVA; Rosana Rodriguês da (org.). **Estudos de literatura**: diálogos, perspectivas e tendências. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2015. Disponível em:

http://www.unemat.br/reitoria/editora/downloads/eletronico/ebook_estudos_literarios.pdf. Acesso em: 05 nov. 2018.

WALKER, Marli. **Marli Walker**: Entrevista [18 out. 2018]. Entrevistadora: Katia Aparecida Pimentel. Sinop, MT, 201. Realizada por meio de postagem em endereço eletrônico. 1.f. Entrevista concedida para a realização de artigo da Disciplina de Metodologia da Pesquisa em Letras.